

20/12/2017 - 05:00

## Desigualdade ameaça a democracia

Por **Martin Wolf**

Entre 1980 e 2016, o 1% mais rico capturou 28% do aumento agregado de rendimentos reais nos EUA, Canadá e Europa Ocidental, enquanto os 50% mais pobres capturaram 9%. Mas esses agregados escondem grandes diferenças: na Europa Ocidental, o 1% mais rico capturou "apenas" tanto quanto os 51% mais pobres. Na América do Norte, porém, o 1% mais rico chegou a apoderar-se do mesmo que os 88% mais pobres. Isso prova que o crescimento agregado em si nos diz muito pouco - no caso dos EUA, não nos diz praticamente nada - sobre a escala das melhorias de bem-estar econômico para a população como um todo.



Esses dados impactantes estão no Relatório Mundial sobre Desigualdades, do World Inequality Lab 2018, divulgado recentemente. O panorama geral é de uma convergência entre países e divergência dentro deles. Mas essa divergência não aconteceu na mesma medida em todos os países. Assim, "desde 1980, a desigualdade de renda aumentou rapidamente na América do Norte e na Ásia, cresceu moderadamente na Europa e estabilizou em um nível extremamente alto no Oriente Médio, na África subsaariana e no Brasil".

O relatório também mostra que, após a Segunda Guerra Mundial, as participações do 1% mais rico eram relativamente pequenas, pelo menos em comparação com a situação anterior à guerra, em todo o Ocidente. Mas a partir de então essas participações deram um salto nos países anglófonos, especialmente nos EUA, mas pequeno na França, na Alemanha ou na Itália.

Walter Scheidel, historiador do mundo antigo e autor do "The Great Leveler" (o grande nivelador), diria que o aumento da desigualdade é exatamente o que devemos esperar. Nesse estudo notável, ele argumenta que depois que a agricultura (e o Estado agrário) foi inventada, as elites foram incrivelmente bem sucedidas na extração de todo o excedente que a economia criou.

O limite de predação foi estabelecido pela necessidade de permitir que os produtores sobrevivessem. É notável que muitas sociedades agrárias desesperadamente pobres se aproximaram desse limite, entre elas os impérios romano e bizantino. Em tempos de paz e tranquilidade, argumenta Scheidel, interesses poderosos manipularam a sociedade para ampliar a sua parte (e a de seus descendentes) do bolo. O poder cria riqueza e a riqueza cria poder. Pode algo interromper esse processo? Efetivamente, sim, argumenta o livro: os quatro cavaleiros das catástrofes - guerra, revolução, peste e fome.

Alguns argumentarão que o passado não foi tão sombrio como o livro sugere. Quando os Estados apelavam para mobilização militar, por exemplo, tinham de levar em conta a prosperidade do povo. Mas, no geral, a desigualdade nas sociedades pré-modernas era muitas vezes espantosa.

***O futuro poderá consistir em uma plutocracia estável, que consiga manter a massa do povo dividida e dócil. A alternativa poderá ser o surgimento de um ditador que ascenda ao poder em cima de uma falsa oposição a precisamente essas elites***

O que tem isso a ver com as sociedades mais ricas e pós-industriais contemporâneas? Mais, aparentemente, do que gostaríamos. No Século XX, as revoluções (na União Soviética e na China, por exemplo) e as duas guerras mundiais reduziram drasticamente a desigualdade. Mas quando os regimes revolucionários se abrandaram (ou entraram em colapso) ou depois que as exigências da guerra desvaneceram-se na memória, instalaram-se processos bastante semelhantes aos dos antigos Estados agrários. Emergiram novas elites extremamente ricas, que conquistaram poder político e, novamente, usaram-no para seus próprios fins. Quem disso duvida deveria observar de perto os aspectos políticos e econômicos da lei tributária em tramitação no Congresso dos EUA.

A implicação desse paralelo seria que, exceto por algum evento catastrófico, estamos agora a caminho de crescente desigualdade. Uma guerra termonuclear mundial seria equalizadora. Mas catástrofe não é uma política.

No entanto, temos três razões mais atraentes para sermos relativamente otimistas. A primeira é que nossas sociedades são muito menos desiguais do que poderiam ser: nossos pobres são relativamente pobres, mas não estão perto da linha de subsistência. A segunda é que os países de alta renda não compartilham, todos eles, a mesma tendência a uma desigualdade crescente. A última é que os Estados agora possuem uma série de ferramentas políticas para melhorar a renda e a desigualdade de riqueza, se desejarem fazê-lo.

Uma comparação entre a distribuição de mercados e de renda disponível em países de alta renda (Canadá, França, Alemanha, Itália, Espanha, Reino Unido e EUA) demonstra bem esse último ponto. Em todos esses casos, impostos e gastos públicos reduzem a desigualdade. Mas em que medida o fazem varia significativamente, dos EUA, o menos ativo, à Alemanha, o mais.

A grande questão, porém, é se as pressões por desigualdade continuarão aumentando e a disposição para contrabalançá-las, de modo geral, declinando. Quanto às pressões por desigualdade, é bastante difícil ser otimista. Parece improvável que o valor de mercado do trabalho de pessoas sem qualificação em países de alta renda cresça. Quanto à disposição para contrabalançar a desigualdade pode-se apontar, com otimismo, o desejo de desfrutar algum grau de harmonia social e a abundância material das economias modernas, como razões para acreditar que os ricos podem estar dispostas a compartilhar sua abundância.

Apesar disso, à medida que vão se dissipando a mobilização militar do início ao meio do Século XX e as ideologias igualitárias que vieram com a industrialização e a guerra de massas, o individualismo torna-se cada vez mais forte, e as elites poderão tornar-se mais determinadas a capturar tudo o que puderem para si.

Se assim for, isso seria um presságio sombrio, não apenas para a paz social, porém até mesmo para a sobrevivência das democracias estáveis de sufrágio universal que surgiram nos países hoje de alta renda durante os séculos XIX e XX. Um desfecho possível é o tipo de "populismo plutocrático" que tornou-se uma característica marcante dos EUA contemporâneos - o país, que devemos lembrar, assegurou a sobrevivência da democracia liberal durante a

turbulência no século anterior. O futuro poderá consistir em uma plutocracia estável, que consiga manter a massa do povo dividida e dócil. A alternativa poderá ser o surgimento de um ditador que ascenda ao poder em cima de uma falsa oposição a precisamente essas elites.

Scheidel sugere que a desigualdade certamente aumentará. Precisamos provar que ele está errado. Se não conseguirmos, o aumento da desigualdade poderá, no fim das contas, liquidar também com a democracia.

**(Tradução de Sergio Blum)**

**Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT**